

# AUTISMO E DESENVOLVIMENTO: A CONTRIBUIÇÃO MATERNA NA EDUCAÇÃO DO FILHO

## AUTISM AND DEVELOPMENT: THE MATERNAL CONTRIBUTION TO THE CHILD'S EDUCATION

Hillary Torres Ribeiro 1

Débora Maria dos Santos Castro Silva 2

**Resumo:** Este estudo investiga o papel da mãe no desenvolvimento de seu filho autista, com foco nas estratégias de ensino e nos recursos utilizados no município de Palmas. O objetivo principal é analisar como as práticas maternas contribuem para a educação da criança com TEA, fornecendo informações que podem ser aplicadas também no ambiente escolar. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, exploratória, com coleta de dados por meio de entrevista semiestruturada com a mãe, questionário o pai e notas de campo. Os resultados destacam a importância da mãe no processo educacional e sugerem que a colaboração entre escola, família e rede de apoio é essencial para o desenvolvimento das crianças autistas. As conclusões apontam para a necessidade de estratégias educacionais personalizadas, que considerem as especificidades de cada criança e promovam seu potencial máximo por meio de um ambiente inclusivo e colaborativo.

**Palavras-chave:** Educação Inclusiva. Transtorno do Espectro Autista. O papel da mãe.

**Abstract:** This study investigates the role of the mother in the development of her autistic child, focusing on the teaching strategies and resources used in the municipality of Palmas. The main objective is to analyze how maternal practices contribute to the education of children with ASD, providing information that can also be applied in the school environment. The research adopts a qualitative, exploratory approach, with data collected through a semi-structured interview with the mother, a questionnaire with the father, and field notes. The results highlight the importance of the mother in the educational process and suggest that collaboration between school, family, and support networks is essential for the development of autistic children. The conclusions point to the need for personalized educational strategies that consider the specificities of each child and foster their maximum potential through an inclusive and collaborative environment.

**Keywords:** Inclusive Education. Autism Spectrum Disorder. The role of the mother.

- 
- 1 Especialista em Revisão de Textos e Gestão em EaD pelo Centro Universitário Celso Lisboa e Licenciada em Letras Português pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8591563059782547>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-7254-0679>. E-mail: [hillary.tr@unitins.br](mailto:hillary.tr@unitins.br).
  - 2 Doutora em Letras: ensino de língua e literatura pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPE). Professora do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5219660411558432>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8657-8492>. E-mail: [debora@ifto.edu.br](mailto:debora@ifto.edu.br).

## Introdução

A Educação Inclusiva tem se mostrado cada vez mais relevante no contexto atual, pois busca integrar os alunos com deficiência, com transtorno e com altas habilidades em uma comunidade que valorize a inclusão escolar e social. Fonseca-Janes, Brito e Janes (2012) discorrem que a Educação Inclusiva é uma concepção de ensino que busca proporcionar aos alunos o acesso à escola e a sua permanência, além da igualdade de oportunidades, a valorização das diferenças e a educação de qualidade. Monteiro (2004) corrobora para a cristalização desse conceito quando expõe que a Educação Inclusiva deve basear-se nos princípios da preservação da dignidade humana, da busca de identidade e do exercício da cidadania.

De acordo com Fonseca-Janes, Brito e Janes (2012), a Educação Inclusiva extrapola o ambiente da sala de aula, pois segue por uma perspectiva multidisciplinar, que envolve profissionais de diferentes áreas, com funções e qualificações essenciais para prestar um suporte mais amplo e eficaz aos alunos e a todos os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Os autores afirmam também que ela segue o viés transdisciplinar, pois enxerga o indivíduo como um ser multidimensional, repleto de particularidades que necessitam ser consideradas (Fonseca-Janes; Brito; Janes, p. 26, 2012).

O presente trabalho tem como objetivo investigar a atuação da mãe no desenvolvimento do filho autista. De acordo com Mota (2020), o TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento que geralmente apresenta: a dificuldade de interagir socialmente, comportamentos repetitivos e restritivos, atrasos na fala e na linguagem, sensibilidade sensorial e dificuldades em adaptar-se a mudanças.

Acredita-se que o envolvimento ativo e responsivo da mãe no processo de criação e desenvolvimento da criança com autismo pode desempenhar um papel significativo no progresso das habilidades sociais, emocionais e cognitivas da criança. O estudo pretende analisar as práticas maternas que contribuem para o desenvolvimento da criança com autismo e identificar as estratégias utilizadas pela mãe nesse contexto.

Esta pesquisa justifica-se por ser um estudo que busca melhorar a qualidade da educação para alunos com TEA. Compreender as práticas que a mãe adota pode fornecer informações sobre estratégias eficazes que também podem ser aplicadas pelos professores, no ambiente escolar, garantindo que a criança autista receba a educação adequada e atinja seu potencial máximo.

Ressaltamos que o interesse de desenvolver a pesquisa nesta área surgiu durante a disciplina de Educação Inclusiva. Nessa disciplina, durante todo o semestre, discutimos sobre a legislação que ampara os princípios da Educação Inclusiva, a relevância da perspectiva inclusiva no contexto da Educação Básica, as dificuldades dos alunos no processo de aquisição do conhecimento e os desafios enfrentados pelos pais e professores, no ambiente doméstico e escolar, respectivamente.

Desde o seu início, este estudo passou por um processo contínuo de adaptação: tanto as perguntas de pesquisa, quanto os objetivos foram se transformando à medida que o conhecimento e o aprendizado desta pesquisadora se aprimoravam.

Considerando a temática central deste estudo, elencamos a seguinte pergunta que serviu de base para o estudo: quais estratégias de ensino a mãe de uma criança autista utiliza no estudo em casa? Articulando a essa pergunta, o objetivo geral desta pesquisa foi investigar a atuação da mãe no desenvolvimento do filho autista. Os desdobramentos desse objetivo geral constituíram os seguintes objetivos específicos: mapear o perfil do aluno e conhecer a sua história; verificar os recursos utilizados pela mãe; analisar o papel da mãe; compreender a intenção de cada recurso; contribuir com mais estudos sobre a temática. Para atender a proposta deste trabalho, utilizamos a pesquisa qualitativa de natureza básica, com objetivos exploratórios.

## Percurso metodológico: caracterização da pesquisa

Para a realização desta pesquisa, optamos pela utilização qualitativa, que de acordo com De Oliveira (2011 *apud* Triviños, 1987), se concentra em explorar o significado dos dados, levando em consideração a percepção do fenômeno dentro do contexto em que ocorre. Nesse sentido,

temos como foco analisar aspectos subjetivos do comportamento humano e dos fenômenos sociais relacionados à rotina da criança autista em casa, mais especificamente, nos momentos do acompanhamento escolar realizados pelos pais.

De acordo com Gil (2010) os objetivos exploratórios são utilizados em pesquisas que buscam ampliar o conhecimento sobre um determinado tema, sem a pretensão de esgotar todas as possibilidades de análise. Essas pesquisas são importantes para a identificação de lacunas na literatura e para o estabelecimento de novas questões de pesquisa. Escolhemos objetivo exploratório para compor a pesquisa, pois ele relaciona-se melhor com as intenções da nossa investigação.

O estudo de caso é caracterizado por Yin (2001, p. 33) como “uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real”. Diante do exposto, esse método mostra-se o mais apropriado para a realização desta pesquisa, cujo foco recai sobre um fenômeno pouco estudado na área da educação. Para isso, pretende-se observar, analisar e explicar esse novo conhecimento gerado, fornecendo discussões, dentro do contexto mencionado anteriormente.

Quanto à coleta de dados, Lakatos & Marconi (2001) a definem como sendo algo que corresponde à parte prática da pesquisa. De acordo com os autores, existem diversas técnicas utilizadas para a coleta de dados. Neste trabalho, utilizaremos as seguintes ferramentas.

Entrevista semiestruturada com a mãe-participante. Essa abordagem nos permite obter informações significativas sobre o contexto e as experiências vividas pela criança, enriquecendo a compreensão geral do estudo. De acordo com Gil (1999), a utilização da técnica de entrevista possui algumas vantagens, tais como: maior abrangência e flexibilidade nas respostas e a eficiência na obtenção dos dados.

Questionário para o pai-participante. Optamos por adotar uma padronização nas perguntas do questionário e da entrevista semiestruturada conduzida com a mãe, a fim de obter informações consistentes e comparáveis. Segundo Cerro & Bervian (2002), o questionário é “[...] um meio de obter respostas às questões por uma fórmula que o próprio informante preenche”. Os autores também expõem que o questionário com perguntas fechadas proporciona uma maior facilidade na tabulação e análise dos dados.

Notas de campo. Segundo Emerson, Fretz, Shaw (2014), as notas de campo representam um método essencial para capturar e preservar as percepções e compreensões que são despertadas por experiências vividas. Escolhemos utilizar as notas de campo para coleta de dados, pois foi o instrumento que mais se adequou ao que queríamos.

Para gerar os dados para esta pesquisa, utilizamos 4 instrumentos: a entrevista semiestruturada com a mãe-participante, o questionário para o pai-participante, a carta de apresentação da criança para a escola e as notas de campo da pesquisadora.

## **Resultados e Discussão**

### **Entrevista semiestruturada e questionário**

Os dados coletados foram analisados e organizados em um eixo temático, no qual foram identificadas duas temáticas centrais. Através da análise dos temas identificados, foi possível estabelecer duas categorias, cada uma com seus respectivos subtemas. Essas categorias e subtemas fornecem uma estrutura de organização para compreender e interpretar os dados obtidos durante a pesquisa.

#### **a) Categoria 1: “Fez um ano e não falou”.**

Cardoso e Pitanga (2020) discorrem que o autismo é caracterizado pelo comprometimento acentuado da comunicação verbal e não verbal e interação social da criança, além de estereotipias de comportamento, que se apresentam antes dos três anos de idade. Analisando a parte inicial da entrevista com a mãe, identificamos algumas características do Transtorno do Espectro Autista e notamos também que elas se apresentaram desde muito cedo na vida da criança:

**Lúcia:** O Fernando, eu percebi características diferentes bem cedo. A partir dos sete meses de idade eu comecei a perceber características bem marcantes, né?! E::, um pouco diferente, eu olhava para ele... e como eu cuidava dele, ele me respondia, o olhar... não é que ele me, interagia com o olhar, mas é assim... era diferente das outras crianças.

**Lúcia:** Então é assim, era um pouco diferente, e eu lembro que a partir de 6 meses você começa a trabalhar a criança pensando no aniversário de um ano. E aí eu comecei a falar as palavrinhas, desenvolver os parabéns. Não sei o quê, essas coisas, sentar, desenvolver o parabéns, a alimentação, a dar a bolachinha, colocar num leitinho essas coisas, a alimentação.

**Lúcia:** E aí ele batia palminha e depois ele não bate mais. Eu cantava o parabéns para ele, fazendo não sei o que e depois ele não fazia mais.

**Lúcia:** Fez um ano não falou, e ele sempre muito calado, não veio a fala, não veio aquela coisa. E aí dois anos e nada, e nada, e nada. E vamos pra fono e nada desse menino falar. Mas ele ouvia, eu falava com ele e entendia, fazia a ação. Às vezes quando, tipo assim, ele não queria ele não me respondia, é tipo assim: quando ele quer ele responde, só que depois dos dois anos ele começou a ficar arredo. E aí aquele menino amoroso que queria que eu abraçava ele não aceitava mais um abraço. Aí aquilo dali me preocupou demais.

Segundo Zanatta, Guimarães, Ferraz e Motta (2014), o autismo provoca transformações significativas no cotidiano familiar, sendo as mães as mais impactadas por essas mudanças. Constatamos que a afirmação de Zanatta, Guimarães, Ferraz e Motta (2014) é verdadeira, pois ao analisarmos o questionário que o pai respondeu, notamos que a maioria das perguntas relacionadas aos diagnósticos, às comorbidades, às estereotípias e ao grau de autismo ele não soube responder, e informou que a mãe saberia responder melhor.

3. Qual é o grau dele?

A mãe sabe mais que eu.

4. Quais déficits nas funções executivas dele são mais evidentes?

A mãe sabe mais que eu.

7. Como é a rotina dele? Em sua opinião ele tem autonomia para realizar quais tarefas?

A mãe sabe mais que eu.

10. Ele tem alguma comorbidade? Em caso afirmativo, especifique.

A mãe sabe mais que eu.

11. Ele tem alguma estereotípia? Em caso afirmativo, especifique.

A mãe sabe mais que eu.

Nas perguntas relacionadas aos gostos da criança, aos hiperfocos e a algumas particularidades sobre a vida escolar, o pai soube responder, mas não foi tão explicativo quanto a mãe foi na entrevista.

14. O que ele conta sobre a escola, os professores e os colegas de sala?

Alguns acontecimentos do dia-a-dia, situações entre os

- amigos, observações dos professores em relação as atividades.
17. Qual é o filme, série e desenho preferido dele?  
Seriados (He-man, Lego, Minecraft).
18. Qual é o personagem preferido dele?  
Qualquer um possa montar com lego (Batman, Sonic, BrawStar).
21. Ele pratica algum esporte ou faz alguma atividade diferenciada (pintura, música, etc.)? Em caso afirmativo especifique  
Música (Bateria) e bicicleta.

Essas respostas do pai confirmam o que foi relatado pela mãe na entrevista, de que ela tem mais voz com relação às crianças. Não que o pai não seja respeitado, mas que a mãe tem um domínio maior.

*Lúcia: Então eu tenho essa, essa vivência com ele muito próxima. Por isso que a minha, a minha, a minha, eu tenho uma, os meninos, principalmente a minha fala que é muito respeitada quando diz assim: o Ricardo fala, os meninos... não é que os meninos não respeitem o Ricardo, os meninos respeitam. Mas se eu falar eles não contestam de jeito nenhum. Na hora que eu falo... o Fernando agora ultimamente, ele até brinca. Eu digo para ele: Fernando, não sei o que. E ele: mãos ao alto, eu me rendo, já me rendo. Aí ele diz: olha papai. Aí eu começo a rir, né?! "Olha papai, desse jeito ó. Quando eu me rendo, ela até sorrir, ela até sorrir ó." Porque ele já sabe o tanto que a minha fala não é contestável, tu tá entendendo? Aí ele disse assim: "eu já me rendi, eu já me rendi todinho." De tanto que ele, ele obedece. Aí o Ricardo diz assim: é, não tem como contestar. Então assim, ele não consegue. Eu digo: Fernando, não sei o que. Já me rendi, me rendo, me rendo, me rendo. Até isso agora eu tenho que aturar.*

O fato de o pai ter respondido que a mãe sabe mais sobre algumas perguntas não quer dizer que ele não saiba, entendemos que ele só não tem um conhecimento tão aprofundado quanto ela

Ao analisarmos os trechos que seguem, fica evidente que é a mãe quem desempenha um papel fundamental na detecção de problemas, busca por tratamento e acompanhamento do filho. Por meio das observações dela foi possível detectar os sinais precoces de possíveis dificuldades.

*Lúcia: E isso, e aí como o comportamento vai mudando você vai falando pra, pra, pro esposo, ele não acompanha. O homem ele não percebe, da mesma forma que a mulher. Então fica muito difícil. Isso eu dou depoimento todas as vezes para os maridos principalmente. Eu tenho a necessidade de fazer essa, esse depoimento. Eu digo: olha, se tua esposa tá percebendo alguma coisa, independente do médico perceber ou não, escuta. Na pior hipótese, vai em 10 médicos, em 200. Na pior hipótese, mas assim tira todas as dúvidas. Porque se ela tá chamando atenção para uma coisa, existe.*

*Lúcia: [...] mas eu sou a mãe, eu tô vendo. O médico não convive com a criança, eu convivo.*

De acordo com Anjos e Morais (2021), a rede de apoio pode ser formada por familiares, amigos, escola e profissionais de saúde, e esses atores podem ajudar a cuidar da criança, permitindo que os pais tenham um tempo para si mesmos. Considerando esse contexto, temos os seguintes relatos:

**Lúcia:** Então assim, é por isso eu acho que é, por isso que eu nunca, mais ainda, eu acho que mais ainda, eu nunca me permitir ter babá e nem empregada. Porque isso do Fernando me marcou demais. Então eu não consigo, é uma coisa que me marcou tanto que eu não consigo deixar com outra pessoa.

**Lúcia:** Então estar comigo, eu tenho a maior empatia, a maior possibilidade de eu enxergar é maior. Isso e isso me marcou demais, então isso me marcou tanto que eu não consigo, eu não consigo ter empregada, não consigo ter babá.

**Lúcia:** Eu centralizo isso em cima de mim, e talvez isso seja até ruim. Mas eu não consigo ter, então quantas vezes o Ricardo já disse: Lúcia, arranja uma pessoa. Mas eu não consigo, eu não consigo. Às vezes eu até arranjo um mês, dois meses, mas aí eu digo: não, eu não consigo. Eu, eu, eu fico. Eu me mato, mas eu fico. Eu centralizo em cima de mim, até o ensino dos meninos eu centralizo em cima de mim. Ah bota uma pessoa para ensinar. Não, eu ensino. Eu prefiro eu ensinar. O meu, é preferível ensinar 10 minutos, do que duas horas outra pessoa, entendeu? Eu acho que eu consigo, o meu olhar é mais apurado.

Com base nos relatos da mãe, constatamos que, mesmo contando com uma rede de apoio disponível para auxiliá-la no cuidado com seu filho, ela opta por assumir essa responsabilidade. Essa escolha é resultado das experiências vividas durante a infância da criança e que deixaram marcas profundas na mãe.

Movida pelo desejo de assegurar que, caso ocorra algum evento adverso envolvendo seu filho, ele não fique desamparado, essa mãe assume o papel principal em seu cuidado. Por conviver diariamente com seu filho, ela possui um conhecimento íntimo de suas necessidades e preferências, o que a leva a tomar a frente nesse processo. Diante dessa postura, a mãe passa a enfrentar uma série de demandas emocionais, físicas e mentais. Muitas vezes lida com o estresse, com a exaustão e com a sobrecarga de responsabilidades.

Com relação ao diagnóstico, Constantinidis, Silva e Ribeiro (2018) enfatizam que o diagnóstico não deve ser encarado como algo que define integralmente a criança, mas sim como uma ferramenta essencial para compreender os desafios enfrentados e direcionar intervenções adequadas. Além disso, é necessário considerar que o diagnóstico não é um fim em si mesmo, mas uma jornada contínua de aprendizado e adaptação. Como podemos observar no trecho a seguir, para a mãe, receber o diagnóstico de autismo foi um alívio porque ela sabia o que o filho tinha:

**Pesquisadora:** E como foi para você receber o diagnóstico?

**Lúcia:** Foi um alívio. [...] E aí, imagina você no meio de tudo, morando fora da sua região, sozinha, com uma criança pequena, trabalhando, sem poder dizer nada, porque a minha família não sabia. Sofrendo pressão de outros contextos, que tu não tá aqui. E você ter uma suspeita de doença degenerativa. Então é muito mais dolorido, então o fechamento diagnóstico do Fernando, só vem realmente por quase 5 anos, com autismo.

Um ponto que nos chamou atenção foi a forma como a médica que fechou o diagnóstico repassou essa informação para a mãe:

**Lúcia:** ah mas ele é... mãe eu vou te dar o pior diagnóstico. É o diagnóstico pior que eu tenho pra te dar, não é uma notícia boa, porque... aí ela disse que era do quadro... do não sei o que Global. Ai, agora esqueci.

Como destacado por Silva (2016), é necessário que os profissionais que compõem essa equipe sejam capacitados não apenas em termos de conhecimento técnico, mas também em habilidades socioemocionais, como a empatia, a escuta ativa e a sensibilidade para tratar questões delicadas.

De acordo com Silva (2016), a família tem como preocupação a socialização, a proteção, a garantia das condições básicas de sobrevivência e o desenvolvimento nos aspectos sociais, afetivos e cognitivos. Isso posto, depois de receber o diagnóstico, a mãe relata que buscou meios de desenvolver a interação social da criança, fator que é uma das principais características do autismo (Sanar, 2020).

*Lúcia: E eu estava preocupada em fazer interação social,tava nem mais preocupada em ele falar, estava preocupada em interação social. Estava preocupada em ele deixar eu dar um abraço nele. Eu estava preocupada em ele aprender a pedir água, eu morria de medo dele sentir sede e ele não saber pedir água. Então, eu me desesperava com a hipótese dele ter sentido sede e eu não ter dado água pra ele. Isso me matava. E comecei a trabalhar sozinha. Disse olha, vou tratar o Fernando como o bebê dessa relação, não que ele seja um bebê. Mas ensinando como um bebê, e vou ensinar. E aí me calei com o médico, escuto mas não. E aí, pronto. E foi isso que eu fiz. E levei pra escola para interação social, vamos trabalhar a interação social. Não me preocupo com o ensino, é interação social.*

A mãe relata que conforme a criança ia se desenvolvendo ela incluía outras estratégias que contribuíssem com o seu desenvolvimento. Essa atitude da mãe vai ao encontro do que é defendido por Silva (2015), que diz que a primeira atitude a ser tomada quando se tem uma criança com atrasos no desenvolvimento é a aceitação e a compreensão das capacidades dessa criança.

*Lúcia: O Fernando começou a interagir na escola, quando ele começou interagir, começou a dar as primeiras palavras. A primeira palavra que ele falou com 4 anos e 7 meses foi “aga, aga.” Gente, vocês não imaginam... não foi água, mas foi aga. Isso pra mim foi uma vitória. e aí eu disse pronto. É interação social e aprender a falar. A falar pra ele pedir comida, água dele, as coisas dele. Depois que ele começou a falar e interagir. Aí eu disse: “não, agora eu vou ensinar a pré-alfabetizar, pronunciar algumas palavras e a questão sensorial, que era muito forte e as nossas coisas. E aí comecei. E aí praticamente tudo sou eu e o Ricardo que ensinamos.*

Por fim, ela relata que atualmente a criança é bem desenvolvida, levando em consideração como ela era no começo.

## **b) Categoria 2: “Me mostrou um mundo bem melhor”.**

Uma importante questão relacionada ao autismo do filho é a forma como a vida passa a ser percebida por uma nova perspectiva. Em decorrência dessa situação, é comum que ocorram mudanças de valores. De acordo com Welter et al. (2008), muitas mães que enfrentam o desafio de ter um filho com alguma deficiência conseguem encontrar um novo significado nessa realidade.

*Pesquisadora: eu ia te perguntar como você se sente sendo mãe do Fernando?*

*Lúcia: eu me sinto privilegiada. Porque foi ele que fez por mim,*

*não fui eu que fiz nada por ele, eu não fiz nada por ele.*

O diagnóstico do autismo muitas vezes provoca uma reavaliação profunda das prioridades e perspectivas de vida das mães. Elas podem passar a valorizar aspectos que antes não recebiam tanta atenção, como a importância das pequenas conquistas, a conexão emocional intensa com o filho e a busca por um entendimento mais amplo sobre a diversidade humana (Welter *et al.*, 2008).

*Lúcia: Na realidade eu que tenho que agradecer porque ele me tornou uma pessoa melhor, muito melhor. Eu só tenho hoje uma visão, eu me tornei uma pessoa melhor, mais humana, mais autocrítica, eu melhorei as virtudes por causa do Fernando. Porque quando dói em você, você se reformula.*

É importante ressaltar que cada mãe vivencia esse processo de forma única, e não há uma trajetória predefinida. Algumas podem passar por um período de dificuldade e adaptação emocional, enquanto outras encontram rapidamente uma nova perspectiva de vida. O importante é reconhecer a importância desse processo de significação e valorizar as vivências e os aprendizados que as mães adquirem ao enfrentar o autismo de seus filhos.

*Lúcia: [...] Eu acho que leva ao amadurecimento. Me levou ao amadurecimento muito mais rápido. Foi muito prazeroso. Na realidade a caminhada foi dura, mas os frutos foram muito bons. Eu acho que eu não mudaria nada na trajetória. Agora é dolorido, eu não vou negar, é muito dolorido. Foram muitas noites sem dormir. Muito choro, porque você chora pelo outro.*

Por meio da entrevista e do questionário, foi possível compreender o perfil dessa família: a mãe é quem possui mais domínio sobre a criação e a educação dos filhos; desde o início foi ela quem identificou que a criança poderia ter algum transtorno; ela que desde o início trabalhou e estudou para fazer com que a criança se desenvolvesse na parte da interação social e na parte cognitiva.

A relação entre eles é muito harmoniosa, a criança tem liberdade com os pais e eles conseguiram desenvolver muito bem essa questão social interativa, já que na escola ele consegue desenvolver as suas tarefas, consegue ter um bom relacionamento com os professores e com os colegas.

Com relação aos atendimentos médicos, eles, desde sempre, cuidam dessa parte. Então a criança tem atendimento com neuropediatra, com psiquiatra, ele faz terapia, música e pratica atividades. Brites e Brites (2021) expõe que é importante que os profissionais de saúde e os pais trabalhem juntos para fornecer o melhor tratamento e apoio.

Por fim, identificamos que esse transtorno trouxe como aprendizado para esses pais o amor, o cuidado, o respeito e o empenho em fazer com que o outro vença os seus desafios e as suas dificuldades independentemente das suas condições.

## **Carta de apresentação de autista à escola**

A carta de apresentação é um documento essencial para alunos autistas. Ela tem como objetivo apresentar informações importantes sobre as necessidades educacionais e comportamentais do aluno, bem como as estratégias que podem ser utilizadas pelos educadores para ajudá-lo a ter sucesso na escola. No quadro de apresentação dos resultados constam os resultados de cada critério encontrado.

**Quadro 1.** Apresentação dos resultados de análise da carta

ORDEM	RESULTADOS
Identificação do aluno	<p>A carta de apresentação do aluno-participante traz as seguintes informações sobre o seu perfil e preferências:</p> <p>o nome do aluno: <i>não pode ser exposto</i>;</p> <p>sua idade: 12 anos;</p> <p>sua paixão: lego;</p> <p>série: 6º ano;</p> <p>turno: vespertino;</p> <p>nome da escola: <i>não pode ser exposto</i>;</p> <p>gosta de abraços, de fazer piadas e de desenhar;</p> <p>gosta de jogos eletrônicos: Super SUS, Brawl Stars, Among US, Robolox, Batman Lego;</p> <p>gosta de jogos não digitais: Xadrez, Uno, Uno Stacko, Ludo, Futebol, Patins, Bicicleta, Queimada, Pique Esconde, Pega-Pega;</p> <p>gosta de montar cenários de lego;</p> <p>gosta de desenhos infantis do Sonic e Naruto;</p> <p>gosta de comidas e guloseimas: Pizza, Pão De Queijo, Nescau, Suco de Uva, Arroz e Feijão, Ovo, Carne Assada e de Caldo;</p> <p>se irrita quando não deixam ele falar o que precisa;</p> <p>se irrita quando está entediado;</p> <p>se irrita quando as pessoas falam e ele não entende;</p> <p>fica triste quando gritam com ele;</p> <p>fica triste quando não consegue se comunicar;</p> <p>fica triste quando reconhece que está errado;</p> <p>fica triste quando o discriminam por ser diferente.</p>
Descrição das habilidades e desafios	<p>Com relação as suas habilidades, foram identificados:</p> <p>é capaz de aprender todo o conteúdo referente à sua idade;</p> <p>tem autonomia para comer, usar o banheiro, tomar banho e arrumar as coisas;</p> <p>ajuda os pais em casa;</p> <p>sabe usar o celular e o videogame;</p> <p>sabe fazer cálculos de cabeça;</p> <p>é habilidoso com construções gráficas (tipo lego).</p> <p>Identificamos os seguintes desafios:</p> <p>tem Dispraxia da fala (tem dificuldade na pronúncia);</p> <p>é um pouco ansioso;</p> <p>se distrai facilmente quando recebe muitas informações como textos muitos longos, muitas imagens, eletrônicos, sons e pessoas;</p> <p>tem dificuldade com conceitos abstratos;</p> <p>tem dificuldade de se organizar e planejar (funções executivas) para a execução das tarefas;</p> <p>ainda não adquiriu a prosódia da leitura – velocidade, ritmo e entonação para o entendimento completo do conteúdo.</p>
Necessidades educacionais do aluno	<p>Identificamos que o estilo de aprendizagem do aluno é cinestésico, ou seja, ele aprende mais rápido quando pratica as atividades propostas. Ele gosta de atividades que envolvam o concreto e o movimento, como a gamificação, encenações, as experiências em laboratórios, demonstrações, atividades esportivas e gincanas.</p>

<p>Recomendações para a escola</p>	<p>As instruções passadas para a escola foram:  passar instruções de forma simples e com poucas palavras, linguagem direta e falar devagar;  usar regras e limites claros (sou bom em seguir regras e rotinas);  usar recursos visuais usando figuras e vídeos;  estimular o entendimento dos conteúdos com analogias com jogos, objetos, personagens de quadrinhos e outros interesses juvenis;  estimulá-lo a fazer as tarefas em sala;  ser mais forte quando ele não obedecer ao que for pedido;  ter paciência, persistência e repetição;  manter contato visual e dar instruções direcionadas quando solicitar algo para o aluno;  prestar atenção se ele está ouvindo o que se está falando; se possível, pedir para que ele repita o que foi dito;  na hora de corrigir as tarefas, é importante começar apontando os acertos e só depois falar o que precisa ser melhorado (utilizar o reforço positivo);  dar mais prazo para entregar atividades;  nos trabalhos em grupo e de interação social, cuidar para que ele não fique isolado e ajudar a formar grupos e na interação com os outros;  disponibilizar instrumentos de avaliação diversificados;  adotar como estratégias de ensino práticas que contenham resolução de exercícios e aulas práticas, que usem o ambiente, estudos de caso individual e coletivo, uso de exemplos reais para explicar fatos e fenômenos, visitas em locais, palestrantes convidados, exposições, amostras, histórias.</p>
------------------------------------	--

**Fonte:** Elaborado pela autora (2023).

O intuito de realizarmos o mapeamento e categorização dos dados presentes na Carta de Apresentação da Criança à Escola é o de conhecer a criança que está sendo objeto de estudo na pesquisa. Quais são os seus gostos, o que a deixa triste e irritada. Quais são as suas potencialidades e os seus desafios. Quais são os direcionamentos que precisam ser adotados para que a criança seja acolhida.

Cardoso (2022) discorre que quando uma criança muda de escola ou de professor, os pais devem proporcionar à criança um momento inicial de integração, objetivando criar um vínculo entre as partes. Dado que a Carta de Apresentação é enviada à escola, a professora terá conhecimento sobre o perfil do aluno e poderá planejar as aulas de forma personalizada (Torres, 2001).

De acordo com Baú (2014), professor que atua na educação especial deve ter muita atenção à sua prática, uma vez que não pode desenvolver aulas padronizadas para todas as turmas, pois as particularidades de cada aluno devem ser respeitadas. O professor que atua na educação especial deve ter a capacidade de se adaptar aos conteúdos de estudos, de utilizar a tecnologia para auxiliar, de trabalhar em conjunto com os especialistas, de analisar as necessidades educativas, de concretizar ações que consideram a diversidade do aluno, a sua capacidade intelectual, os seus interesses e as suas motivações. Dessa forma, compreendemos que a Carta de Apresentação é uma ferramenta essencial e contribui para que o professor desenvolva e execute aulas que sejam assertivas.

## Notas de campo

Existem diversas técnicas que podem auxiliar no processo de aprendizado de crianças com

autismo, independentemente das suas características individuais. Vale ressaltar que a abordagem tradicional pode não ser a mais efetiva para o ensino de crianças com autismo, pois cada uma delas pode ter necessidades específicas: algumas são mais visuais, outras aprendem melhor por meio de sons, e outras ainda precisam de técnicas de aprendizagem multissensoriais. Dessa forma, é essencial que sejam desenvolvidas metodologias diferenciadas que contemplem as diferentes formas de aprendizagem das crianças com autismo.

Bosa (2006, p. 50) afirma que “há evidência de que o autismo tem impacto sobre a família e que a sobrecarga dos cuidados recai principalmente nas mães”. Tendo em vista o que foi relatado pelos pais durante a entrevista semiestruturada e o questionário, esta pesquisa está em conformidade com o que Bosa (2006) afirma.

Isso porque é a mãe que acompanha mais de perto a vida escolar da criança, como podemos ver no trecho a seguir:

**Lúcia:** [...] Eu acompanho em casa, nas atividades de casa. Como é que eu acompanho? “Ah Lúcia, você acompanha?” Acompanho as atividades da escola, e eu acompanho com livros extras. “Ah Lúcia, como é esse acompanhamento com livro extra?”. Eu eu estudo, faço cursos extras e vou aplicando para ele. “Lúcia, o que tu prioriza?”, “o ensino de português e o ensino de matemática.” “porque?”, “porque ele tem dificuldade motora da práxia.

De acordo com Brandão (2013), o livro didático é de grande importância no processo de ensino aprendizagem, pois ele auxilia, orienta e até mesmo direciona esse processo. É no livro didático que estão os conhecimentos a serem ensinados.

Observamos que a mãe-participante tem um compromisso maior em fornecer um ambiente de aprendizagem estruturado e direcionado, com o objetivo de facilitar o aprendizado da criança. Com esse objetivo em mente, a mãe relatou que optou por seguir a cronologia dos assuntos apresentados no livro didático, como um guia para organizar os estudos de forma mais sistemática.

Essa abordagem permite que a mãe se concentre em cada tópico específico, garantindo que a criança tenha uma compreensão abrangente e consistente de cada assunto. Além disso, seguir a cronologia do livro didático também ajuda a garantir que a criança tenha um progresso gradual e sequencial, sem pular nenhuma informação importante.

Além disso, destacamos que a mãe adota uma abordagem de ensino personalizada para auxiliar o seu filho autista a adquirir conhecimentos que possibilitem a aprendizagem de conteúdos mais avançados. Para isso, ela utiliza um material de *homeschooling* de alfabetização, que sana algumas necessidades específicas da criança. Essa mãe ressalta que o livro foi indicado em um grupo de pais atípicos, e que se não tivesse encontrado um material bem estruturado, teria que desenvolver um para poder estudar com a criança.

Embora não tenha nos apresentado um Plano Educacional Individualizado (PEI) formalmente estruturado, a mãe demonstra habilidade em identificar quais são os temas prioritários para a aprendizagem do seu filho. Dessa forma, ela utiliza o material de *homeschooling* para trabalhar de forma consistente os assuntos que ele precisa dominar para avançar em sua aprendizagem.

Essa abordagem personalizada pode oferecer vantagens significativas para crianças autistas, uma vez que o ensino pode ser adaptado para atender às suas necessidades específicas e ritmos de aprendizagem.

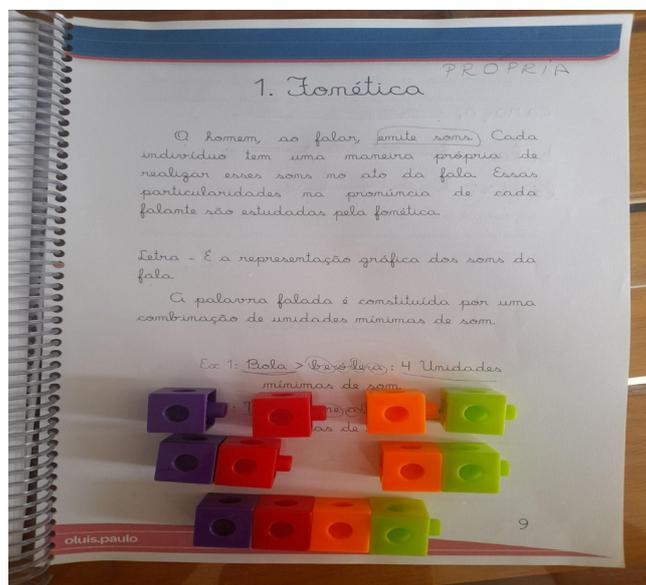
Embora a ausência de um PEI formal possa gerar preocupações em relação à documentação e ao monitoramento do progresso do aluno, a abordagem adotada pela mãe demonstra que ela está comprometida em fornecer um ambiente de aprendizagem adequado e estruturado para seu filho.

Identificamos que uma das principais vantagens desse material, em comparação com o livro didático da escola, é a sua organização visualmente mais simples. Considerando que a criança pesquisada tem como comorbidade o Transtorno de Processamento Sensorial, as páginas com

pouca informação e sem excesso de imagens facilita a sua aprendizagem, pois evita sobrecarregar o aluno com estímulos desnecessários e ajuda a reduzir sua ansiedade.

Essa abordagem mais simples pode ser especialmente benéfica para crianças autistas, que muitas vezes têm dificuldade em processar muitas informações simultaneamente.

**Figura 1.** Livro extra para acompanhamento



**Fonte:** registrado pela autora (2023).

Observamos que os acompanhamentos ocorrem em ambientes diversos, dependendo da disponibilidade, como a sala de estar, área gourmet ou o quarto da criança. Esses acompanhamentos são realizados diariamente, no período matutino, com duração de no máximo 1 hora, pois se passar desse horário a criança perde o foco e fica irritada.

Os direcionamentos das tarefas são dados pela mãe. Ela sempre faz uma apresentação do que será estudado, estimula a criança a observar os elementos da atividade (linguagem verbal e não verbal), lê as perguntas da atividade e explica o que e como deve ser feita.

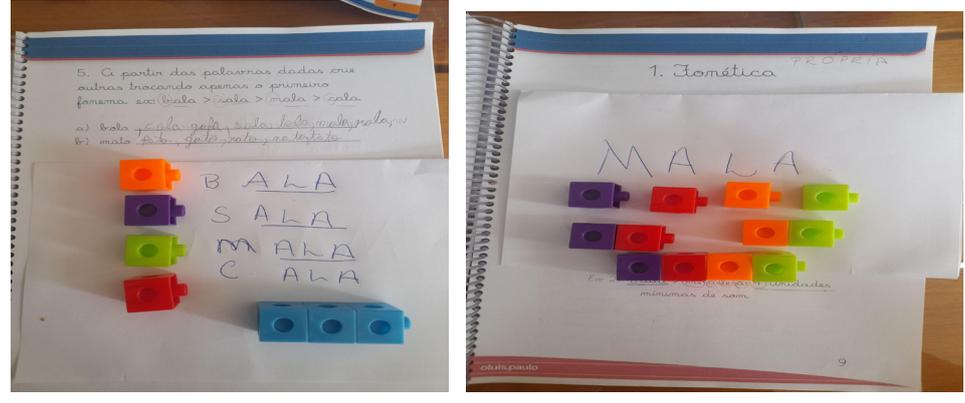
Um aspecto interessante a ser destacado é a utilização de recursos variados pela mãe, como livros, peças de montar e cartas, para se adequar ao estilo de aprendizagem que o filho possui, que é o cinestésico, no qual as pessoas aprendem os conhecimentos de maneira prática (Silva, 2006).

Esse tipo de adaptação é fundamental para o sucesso do processo de aprendizagem e pode contribuir para o desenvolvimento de estratégias mais efetivas de ensino. Portanto, é importante considerar as diferentes formas de aprendizagem das crianças e utilizar recursos que estejam de acordo com o seu estilo, a fim de tornar o processo de ensino mais eficiente.

Observamos que a mãe adota uma abordagem lúdica para trabalhar os assuntos inicialmente, antes de passar para uma forma mais formal. Nas imagens a seguir podemos visualizar alguns recursos utilizados pelos pais. O primeiro exemplo consiste em utilizar peças de montar coloridas para representar as sílabas de uma palavra. Cada sílaba é representada por uma peça de cor diferente, o que ajuda a criança a visualizar e compreender a estrutura da palavra.

Essa técnica pode ser facilmente adaptada para diferentes níveis de habilidade. Para crianças que já possuem algum conhecimento fonético, as peças de montar podem ser utilizadas para trabalhar a identificação de padrões em diferentes palavras, conforme figura abaixo.

**Figura 2.** Estratégia com peças coloridas



**Fonte:** registrado pela autora (2023).

Já para crianças que ainda estão no estágio inicial da alfabetização, as peças de montar podem ser utilizadas para trabalhar a identificação das sílabas de uma palavra e a compreensão da relação entre as letras e os sons. Utilizar as peças de montar proporciona uma experiência mais lúdica e sensorial com a alfabetização, tornando o aprendizado mais significativo e prazeroso. É importante que os educadores busquem diferentes formas de ensino para adaptar-se às necessidades de cada criança, tornando a aprendizagem um processo mais inclusivo e personalizado (Baú, 2014).

Outro exemplo apresentado pela mãe foram as MultiCartas Smiles. Essas cartas contêm pistas multissensoriais, com imagens, cores e gestos. Elas foram inicialmente desenvolvidas para auxiliar na reabilitação da apraxia de fala, mas podem ser adaptadas para auxiliar na consciência fonológica de crianças autistas.

De acordo com Brites e Brites (2021) a dispraxia de fala é um transtorno que afeta a capacidade de planejar e coordenar os movimentos necessários para a produção da fala. A utilização das cartas multigestos permite trabalhar tanto a consciência fonológica quanto a dispraxia da fala, de forma lúdica e interativa.

Ao utilizar as cartas multigestos, a criança é estimulada a reproduzir os gestos e sons das letras e palavras, associando-os às imagens correspondentes, conforme exposto abaixo

**Figura 3.** Cartas do método fônico



**Fonte:** registrado pela autora (2023).

Essas cartas contribuem no desenvolvimento da habilidade de identificar, pronunciar e escrever as palavras corretamente, além de estimular a memória visual e auditiva. As duas

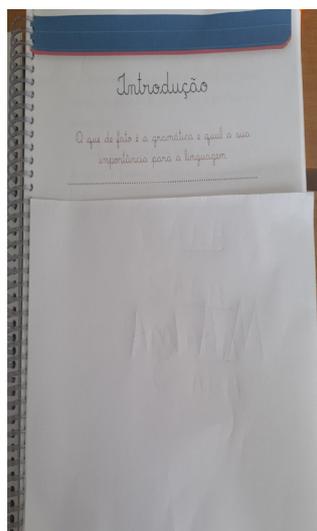
estratégias citadas anteriormente correspondem ao método fônico que, segundo Pereira (2013):

é baseado no ensino do código alfabético de forma dinâmica, ou seja, as relações entre sons e letras devem ser feitas através do planejamento de atividades lúdicas para levar as crianças a aprender a codificar a fala em escrita e a decodificar a escrita no fluxo da fala e do pensamento (Pereira *et al.*, 2013, p.7).

Ou seja, esse método é baseado na associação entre letras e sons. Além disso, essa abordagem é muito utilizada em crianças com dificuldades de aprendizado na leitura e escrita. Ao utilizar esse método, a mãe proporciona ao filho a oportunidade de compreender a lógica da escrita, o que pode ser uma forma efetiva de auxiliá-lo no processo de alfabetização. Além disso, o uso do método fônico pode ajudar a criança a estabelecer conexões entre as letras e seus sons correspondentes, favorecendo a fluência na leitura e na escrita, conforme abordado anteriormente.

Pensando em controlar o nível de atenção da criança, a mãe adotou uma estratégia para que ele não se distraia e nem fique ansioso com o excesso de estímulos. Ela utiliza uma folha A4 para cobrir todo o conteúdo que ela não quer destacar no momento. Dessa forma, a criança irá focar apenas no que está sendo explicado. Essa estratégia utilizada pela mãe pode ser considerada uma boa prática de ensino, já que busca tornar o aprendizado mais acessível e menos cansativo para a criança.

**Figura 4.** Estratégia para que a criança foque no conteúdo



**Fonte:** registrado pela autora (2023).

Com relação à leitura, a mãe utiliza a seguinte estratégia: ela intercala a leitura dos textos das atividades, lendo um parágrafo e, em seguida, passando a vez para a criança. Além disso, ela se certifica de que a criança compreendeu a ideia transmitida pelo texto antes de seguir adiante. Considerando que a criança em questão apresenta dificuldades na aquisição da prosódia, que é a entonação e a variação de intensidade na fala, a estratégia citada no parágrafo anterior pode auxiliar no desenvolvimento da prosódia da criança, já que a leitura em voz alta é uma forma de apresentar a ela a correta entonação e variação de intensidade das palavras e frases. Com a prática, a criança pode começar a imitar a entonação correta das palavras e, assim, desenvolver gradualmente a sua habilidade na prosódia.

Outro ponto relevante é que a mãe estabeleceu uma recompensa para a criança após a conclusão das atividades (jogar, assistir TV, montar cenário de lego). Essa estratégia pode ser considerada positiva, já que a possibilidade de uma recompensa pode estimular a criança a se dedicar ao estudo proposto. No entanto, é importante que a recompensa não seja vista como o

único motivo para a realização das atividades, para que a criança não desenvolva uma relação excessivamente instrumentalizada com a aprendizagem.

**Figura 5.** Cenário montado pela criança



**Fonte:** registrado pela autora (2023).

Isso posto, é importante que os educadores e profissionais que trabalham com crianças autistas estejam abertos a diferentes metodologias de ensino e que busquem adaptá-las às necessidades individuais de cada criança, a fim de proporcionar uma aprendizagem efetiva e significativa. A escolha do método fônico pela mãe do filho autista é um exemplo disso e pode servir de inspiração para outros pais e educadores que enfrentam desafios similares.

## Considerações Finais

O objetivo deste estudo foi investigar o papel da mãe no desenvolvimento de seu filho autista. Através da análise da entrevista, do questionário e das observações, constatamos que a mãe desempenha uma contribuição significativa no progresso da criança. Mesmo antes do diagnóstico de autismo, ela já buscava ativamente maneiras de abordar os atrasos observados na criança.

Ao contrário do que é comum, em que os pais geralmente transferem a responsabilidade pela vida escolar dos filhos para a escola, nesta situação temos uma abordagem diferente. A mãe dedica-se diariamente ao desenvolvimento educacional da criança em casa. Sua proximidade e envolvimento intenso permitiram que ela identificasse pontos importantes que dificultavam a aprendizagem da criança, e, com base nisso, ela desenvolveu recursos e estratégias que auxiliam seu filho de forma mais proveitosa.

Um exemplo disso são as práticas adotadas. Sabendo que o estilo de aprendizagem do filho é cinestésico, a mãe elabora materiais didáticos mais lúdicos, facilitando sua compreensão dos conteúdos. Para lidar com a dificuldade do filho em lidar com excesso de informações nos livros, ela desenvolveu uma técnica de trabalhar os conteúdos por partes. Utilizando uma folha A4 para cobrir as informações do livro que não serão trabalhadas, ela foca no que é necessário. Esses conhecimentos foram adquiridos em cursos relacionados ao autismo e à alfabetização. Outro agente importante nesse processo é o pai. Com base nas respostas do questionário, percebemos que ele direciona sua atenção mais para a parte social da criança. Entretanto, é importante destacar que a mãe tem consciência de que centraliza as questões educacionais, mas, por medo de deixar seu filho desamparado, assume essa responsabilidade.

Essa constatação revela que muitas escolas não estão preparadas para receber e apoiar crianças com autismo, o que gera insegurança nas famílias. Precisamos de profissionais comprometidos com a Educação Inclusiva, capazes de adotar uma abordagem personalizada, adaptando suas práticas pedagógicas para atender às necessidades individuais de cada criança.

Ao fornecer um ambiente inclusivo e acolhedor, os professores podem ajudar a criança a se sentir compreendida e aceita, facilitando seu desenvolvimento educacional e social. Essa abordagem resulta na tranquilidade dos pais.

Em síntese, este trabalho apresenta uma contribuição significativa para os professores, fornecendo orientações claras sobre as atitudes que devem ser adotadas para auxiliar de forma produtiva os alunos com autismo. Ao compreender as necessidades específicas dessas crianças, os professores podem desempenhar um papel fundamental no seu desenvolvimento educacional e social. Apresenta as dificuldades enfrentadas pela mãe, que é a figura central na vida da criança com autismo. Ela é quem está mais envolvida e preocupada com o bem-estar e o progresso do filho, e reconhecer e apoiar a mãe nessa jornada é fundamental para garantir o sucesso e o bem-estar da criança.

Portanto, este estudo reforça a importância de uma abordagem inclusiva e personalizada na educação, em que os professores estejam sensibilizados para as necessidades individuais dos alunos com autismo. Ao promover a colaboração entre escola, família e rede de apoio, podemos criar um ambiente de suporte e compreensão, garantindo um desenvolvimento positivo e promissor para as crianças com autismo.

## Referências

ANJOS, B. B, MORAIS, N. A. As experiências de famílias com filhos autistas: uma revisão integrativa da literatura. **Ciências Psicológicas**, 15(1), e-2347, 2021.

BAÚ, Marlene Alamini. Formação de Professores e a Educação Inclusiva. **Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia**. Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Câmpus Medianeira, v. 2, n. 10, 2014.

BOSA, C. A. Autismo: intervenções psicoeducacionais. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 28(1), p. 47-53, 2006.

BRANDÃO, Jefferson Dagmar Pessoa. **O papel do livro didático no processo de ensino aprendizagem: uma introdução do conceito de função**. Monografia (Especialização em Educação Matemática). Campina Grande: **UEPB** (2013).

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 2016.

BRITES E BRITES. **Quais são as principais comorbidades do autismo?**. NeuroSaber, 2021. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/quais-sao-as-principais-comorbidades-do-autismo/#:~:text=As%20principais%20condi%C3%A7%C3%B5es%20que%20podem,e%20outros%20transtornos%20do%20neurodesenvolvimento>. Acesso em: 13 jan. 2024.

CARDOSO, Diana Maria Pereira; PITANGA, Bruno Penas Seara. O Transtorno do Espectro Autista e as funções executivas: contribuições da neuropsicologia na compreensão do transtorno. **Estudos IAT**, v. 5, n. 1, p. 126-157, 2020.

CARDOSO, Thais. **Aluno Autista**: Carta Inclusiva de Apresentação à Escola. 2022. Disponível em: <https://mamaetagarela.com/aluno-autista-carta-apresentacao/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CONSTANTINIDIS, Teresinha Cid, SILVA, Laila Cristina da, RIBEIRO, Maria Cristina Cardoso. Todo mundo quer ter um filho perfeito: vivências de mães de crianças com autismo. **Psico-USF**, v. 23, p. 47-58, 2018.

DE OLIVEIRA, Maxwell Ferreira. **Metodologia científica**: um manual para a realização de pesquisas em Administração. Universidade Federal de Goiás. Catalão–GO, 2011.

EMERSON, Robert, FRETZ, Rachel I., SHAW, Linda L. Notas de campo na pesquisa etnográfica. **Revista Tendências: Caderno de Ciências Sociais**, 2014.

FONSECA-JANES, Cristiane Regina Xavier; BRITO, Maria Cláudia; JANES, Robinson. Educação Inclusiva Em Questão: Aspectos Teóricos E Abordagem Multidisciplinar. In: FONSECA-JANES, Cristiane Regina Xavier; BRITO, Maria Claudia; JANES, Robinson (org.). **A construção da educação inclusiva: enfoque multidisciplinar**. Marília: Cultura Acadêmica, 2012. p. 15-30. Disponível em: [https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/af-v3\\_colecao\\_fonscecajanes\\_brito\\_janes\\_2012-pcg.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/af-v3_colecao_fonscecajanes_brito_janes_2012-pcg.pdf). Acesso em: 28 jan. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Mariana de Andrade. **Fundamentos metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MONTEIRO, Mariângela da Silva. **Ressignificando a educação**: a educação inclusiva para seres humanos especiais. Disponível em: [www.educacaoonline.pro.br](http://www.educacaoonline.pro.br). Acesso em: 15 jan. 2024.

MOTA, Carol. **Autismo na Educação Infantil**: um olhar para interação social e Inclusão Escolar. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020.

PEREIRA, Cleuzira Custodio; DA VITÓRIA, Geandra Santos; DOS SANTOS, Neice Ferreira; MACHADO, Silvana C. da Silva. **Alfabetização**: Métodos e algumas reflexões. 2013. Disponível em: [http://www.unicaldas.edu.br/uploads/files/METODO\\_ALFABETIZACAO.pdf](http://www.unicaldas.edu.br/uploads/files/METODO_ALFABETIZACAO.pdf). Acesso em: 16 jan. 2024.

SILVA, D. M. da. **O impacto dos estilos de aprendizagem no ensino de contabilidade na FEA-RP/USP**. 2006. 172f. Dissertação (Mestrado de Contabilidade) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de Ribeirão Preto FEARP/USP, São Paulo, 2006.

SILVA, Maria Cristina da et al. **A relação família e escola no processo de escolarização do aluno autista**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

SILVA, Rosa Maria Marques Católico. **O papel da Família no desenvolvimento da autonomia do portador de Síndrome de Asperger**. 2015. 106f. Dissertação (Mestrado) - Ciências da Educação na Especialidade de Educação Especial. Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, 2015. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/10598/1/Tese%20completa.pdf>. Acesso em 22 já, 2024.

TORRES, R.M. **Educação para Todos**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001. Tradução de Daisy Moraes.

WELTER, I., CETOLIN, S. F., TRZCINSKI, C. & CETOLIN, S. K. **Gênero, maternidade e deficiência**: representação da diversidade. *Revista Textos e Contextos*, 7(1), 98-119, 2008.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZANATTA, E. A., GUIMARÃES, A. N., FERRAZ, L.; MOTTA, M. G. C. Cotidiano de famílias que convivem com o autismo infantil. **Revista Baiana de Enfermagem**, 28(3), 271-282, 2014

Recebido em 13 de novembro de 2023

Aceito em 18 de dezembro de 2023